

»cb.poder | CARLOS BRANDÃO | GOVERNADOR DO MARANHÃO

Ao compreender que o medo da criminalidade paralisa a sociedade, gestão estadual investiu no reequipamento e na requalificação do aparato policial e introduziu programas para manter o ambiente de negócios. E deu amparo à população pela valorização da cidadania

"Segurança é prioridade absoluta"

» DENISE ROTHENBURG
» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA
» CAETANO YAMAMOTO*

Para o governador do Maranhão, Carlos Brandão (MDB), a maior preocupação do cidadão atualmente é a segurança pública e, sem atacá-la, não é somente a população que padece, mas tudo que compõe uma sociedade. Sofre o empresário, porque nao vê espaço para ampliar investimentos; sofre o mercado de trabalho, que encolhe em razão do medo das pessoas; sofre o ambiente jurídico, que se torna imprevisível. Em entrevista aos jornalistas Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza, na edição especial de ontem do CB.Poder — uma parceria entre **Correio** e TV Brasília —, Brandão considera a PEC da Segurança positiva, apesar da reação contrária de vários governadores. Ele fez um breve balanço de sua gestão à frente do governo maranhense e salientou investimentos, sobretudo, na cidadania, com programas de alimentação popular e atenção à saúde e à educação. O governador reforçou, ainda, que o equilíbrio fiscal e a desburocratização são os pilares para consolidar o Maranhão como um polo competitivo de negócios no cenário nacional. Leia a entrevista completa a seguir.

Qual a sua posição sobre a PEC da Segurança Pública? Esse projeto tem que ser votado? A emenda está do jeito que o senhor gostaria, ou ainda precisa de alteração?

Na realidade, tivemos uma reunião com o ministro (Ricardo Lewandowski — à época ministro da Justiça — e todos os governadores. Apresentamos um estudo feito pelo secretário de Segurança com uma proposta para o combate ao crime organizado no Brasil. Foram várias reuniões e, embora não houvesse um consenso inicial, chegamos a uma boa proposta, que foi encaminhada ao governo federal e ao Congresso. O que havia de comum entre os governadores era a importância de combater o crime organizado atacando sua fonte de financiamento. Além disso, há uma fragilidade muito grande na legislação criminal: muitas pessoas são presas — inclusive facionados —, mas, em pouco tempo, estão soltas. Isso causa desânimo na Polícia Civil, que realiza investigações demoradas e vê o criminoso livre em pouco tempo. Esses foram os pontos de convergência: o combate ao crime e às fontes de financiamento. Muito do dinheiro dos traficantes é lavado em postos de gasolina, supermercados e farmácias, o que refinancia o crime. Sabemos que possuímos uma grande fronteira com países que vendem drogas para o Brasil e para o mundo, como Colômbia e Bolívia. Essa fiscalização não é fácil e é uma atribuição do governo federal. Existe toda uma discussão sobre isso, mas cada estado deve fazer a sua contrapartida. Houve, também, uma discussão sobre a federalização do combate ao crime organizado. Alguns governadores se opuseram por entenderem que isso retira atribuições do governo estadual. No geral, o avanço foi muito bom e tenho uma preocupação real com a legislação.

O senhor entende que existe um problema na legislação? Onde, especificamente, ela precisa melhorar? Outro ponto: as estatísticas de segurança pública mostram uma situação delicada no Nordeste. Como está a situação do Maranhão?

(Segurança pública) Não se trata de direita ou esquerda. Nas reuniões de governadores, tanto os ligados à direita quanto à esquerda convergiram sobre a fragilidade da legislação. Eu mesmo discuti isso com os poderes no Maranhão — Assembleia, Ministério Público e Judiciário — para debater essa questão legislativa, que é

Minervino Júnior/CB/D.A Press



No Maranhão (o crime organizado) avançou menos porque aparelhamos a polícia de tal forma que pudemos conter esse crescimento. Ao assumir o governo, convocamos todos os 1.500 policiais militares aprovados no concurso e mais de 400 policiais civis que estavam no cadastro de reserva. Criamos mecanismos para motivar a tropa"

decidida no Congresso Nacional. Sobre o combate ao crime organizado, participei recentemente de uma solenidade no Palácio do Planalto, onde o presidente Lula lançou um amplo programa, disponibilizando R\$ 1 bilhão para que os governadores reestruturarem seus sistemas de segurança, principalmente em inteligência. É importante aparelhar o sistema, mas não há avanço sem inteligência avançada, videomonitoramento, câmeras de reconhecimento facial e tecnologia, como drones. Além disso, o governo anunciou R\$ 10 bilhões para financiamento do combate ao crime organizado. O recurso de R\$ 1 bilhão será a fundo perdido, enquanto os R\$ 10 bilhões estarão abertos para investimentos por parte dos governadores. Tratamos a segurança como prioridade absoluta, pois em um estado onde o cidadão não pode sair de casa ou trabalhar, a situação é péssima. Isso afeta não apenas o conforto das pessoas, mas a atração de investidores. Não vejo possibilidade de investidores se instalarem em um estado com clima de insegurança. Vemos o exemplo do Rio de Janeiro, onde o crime organizado avançou tanto que o combate hoje é extremamente difícil.

O crime avançou muito na Bahia e no Ceará. No Maranhão também avançou, mas diria que menos?

No Maranhão avançou menos porque aparelhamos a polícia de tal forma que pudemos conter esse crescimento. Ao assumir o governo, convocamos todos os 1.500 policiais militares aprovados no concurso e mais de 400 policiais civis que estavam no cadastro de reserva. Criamos mecanismos para motivar a tropa. Na Polícia Militar, aprovamos a LOB (Lei de Organização Básica), esperada há muito tempo, que facilita as promoções como reconhecimento e motivação. Realizamos um

amplo aparelhamento de veículos, adquirindo mais de mil viaturas em quatro anos. Investimos em treinamento, capacitação, munição, armas e drones. Criamos quatro bases de helicópteros, o que ajudou a reduzir em 80% os assaltos a bancos e roubos de carga, devido à rapidez de resposta. Agora, lançaremos, após 20 anos, um concurso público para a segurança pública com 3.350 vagas, envolvendo Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Polícia Civil e perícia. Visitei delegacias e vi condições precárias, como banheiros danificados e falta de ar-condicionado. Decidi reformar todos os equipamentos. Das 140 delegacias da Polícia Civil, já reformei 135 com orçamento próprio. Das 95 unidades da Polícia Militar, reformei 90. Edifícios em boas condições melhoraram a autoestima. Atendi a 50 categorias profissionais em reuniões. Para os delegados, aprovei a promoção automática: ao completar o tempo necessário, a promoção ocorre sem necessidade de interferência política de deputados ou senadores. Também instituímos uma gratificação de R\$ 3 mil para delegados que respondem por mais de um município. Além do reaparelhamento, as operações são fundamentais. Somente nas últimas, apreendemos mais de 10 toneladas de drogas. Isso representa milhares de vidas salvas. Realizamos operações sucessivas para mostrar que, no estado, o criminoso não tem trégua e que o poder público é mais forte. Sem isso, o crime organizado cresce. Reduzimos o feminicídio em mais de 27% de um ano para o outro.

Um dos problemas históricos do Maranhão é a área social, com um dos piores índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do país. Por que não se consegue resolver isso? Falta recurso, gestão, estrutura ou "vergonha na cara"?

Essa situação me incomoda muito. Ao assumir, recebi dados do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas indicando que tínhamos 1,5 milhão de pessoas na extrema pobreza. Como isso é possível em um estado com 10 bacias hidrográficas, terras férteis, portos, ferrovias, rodovias, energia e o segundo litoral mais extenso do Brasil? Não enfrentamos os problemas hídricos do restante do Nordeste, nem somos puramente focados no tema ambiental, como no Norte. O Maranhão é o único estado que integra três consórcios: Amazônia Legal, Nordeste e Brasil Central, por estar em uma região de limite. Diante disso, implementamos um amplo programa social e, em dois anos, retiramos 1 milhão de pessoas da extrema pobreza. Restaram 500 mil. Lancei o programa Maranhão Livre da Fome para atender essas cerca de 71 mil famílias. Discutimos o projeto democraticamente com a Assembleia, Ministério Público, Judiciário, Defensoria, igrejas e Unicef.

E o que ficou definido?

A extrema pobreza é definida por uma renda média inferior a R\$ 218,00. Criamos um cartão para compra de alimentos de R\$ 300, com adicionais de R\$ 50 por filho de até seis anos e R\$ 100 para pessoas com deficiência. A pedido das igrejas, o cartão é bloqueado para compra de bebidas alcoólicas e jogos de apostas. O programa possui três eixos: 1) alimentação: comida na mesa; 2) saúde: realizamos check-ups completos, cirurgias de catarata e pterígio, tratamento de diabetes e hipertensão, fornecimento de óculos e saúde bucal com próteses dentárias. e 3) capacitação: preparação para o mercado de trabalho — oferecemos um auxílio de R\$ 200 durante o curso e o governo fornece os equipamentos necessários para o trabalho após a conclusão. Fizemos parceria com o Banco do Nordeste no programa

Crediamigo, que destina R\$ 1,3 bilhão ao pequeno empresário. Lançamos o programa Juro Zero para empréstimos de até R\$ 22 mil: o empreendedor paga apenas o principal e o governo paga os juros.

E foram esses programas que retiraram o primeiro milhão de pessoas da extrema pobreza?

Para o milhão anterior, ampliamos a rede de restaurantes populares. O café da manhã custa R\$ 0,50 para o consumidor (o governo paga R\$ 6,50) e o almoço ou jantar custa R\$ 1 (o governo paga R\$ 14). Com R\$ 2,50, o cidadão faz três refeições de qualidade. Também ampliamos o ProCAF (compra da agricultura familiar), a distribuição de leite e os bancos de alimentos. O Maranhão Livre da Fome foi premiado na Estônia como exemplo mundial de combate à fome. O IDH baseia-se em saúde, educação e renda. Ao investir nesses eixos, subimos todos os indicadores. Lancei a revista *Boas Notícias do Maranhão* para mostrar essas conquistas. O estado subiu da letra C para a letra A na classificação fiscal (Capag). Éramos o 23º em solidez fiscal e hoje somos o segundo no ranking do Centro de Liderança Pública. Somos o estado que mais gera emprego no Nordeste e o quarto no Brasil. Investimos em infraestrutura, eventos como Carnaval e São João, e o turismo cresceu 52%. Os Lencóis Maranhenses foram reconhecidos pela Unesco como Patrimônio Natural da Humanidade e a TAP está operando voos diretos de Portugal para São Luís.

Ao tema da renda e empregos: qual área a pessoa deve procurar para trabalhar no Maranhão?

Ninguém consegue emprego sem capacitação. Fizemos parcerias com municípios para premiar prefeituras, escolas, professores e alunos que cumprem metas no ensino fundamental. No ensino

médio, o foco é tecnologia. Me inspirei no modelo de Singapura: desburocratização, redução de impostos e capacitação. Lancei o programa Educação de Verdade: adquirimos 250 mil tablets para alunos e Chromebooks para professores. Como das 1.178 escolas, apenas 500 tinham internet, instalei 500 antenas Starlink. Hoje todas estão conectadas. O tablet não possui jogos — contém cursos profissionalizantes, conteúdos do MEC para o Enem e biblioteca digital. Criamos o Alimentação de Verdade, aumentando o investimento de R\$ 26 milhões para R\$ 226 milhões. Aparelhamos cozinhas com nutricionistas e, nas férias, o aluno leva uma cesta básica para casa. No transporte escolar, o repasse aos prefeitos subiu de R\$ 10 milhões para R\$ 110 milhões, reduzindo a evasão escolar a quase zero. Nosso Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) subiu de 3.5 para 3.8. Precisamos crescer mais, mas estamos em evolução. Ampliamos as escolas de tempo integral de 58 para 158. Reformamos ou construímos 850 escolas com ar-condicionado e quadras poliesportivas.

Como o senhor financiou tudo isso? De onde veio o recurso para o orçamento?

No primeiro ano, criei uma secretaria de controle. Reduzimos R\$ 1,5 bilhão em custeio eliminando supérfluos, como frota de carros alugados desnecessários. Mantivemos incentivos fiscais de R\$ 2 bilhões por ano para atrair empresas, oferecendo segurança jurídica e política. Destravamos a ZPE (Zona de Processamento de Exportação) após 40 anos. Temos 12 projetos, incluindo contratos com a Oi Group para uma refinaria, e com a Stegra (parceria com a Vale) para transformar ferro em aço, totalizando bilhões em investimentos. O Porto do Itaqui é um diferencial: tem o maior calado natural do Brasil, não precisa de dragagem e recebe navios gigantes. Três ferrovias chegam aos nossos portos, garantindo uma logística fantástica para exportação de ferro, grãos e celulose. Estamos trazendo um cabo francês de fibra ótica que vem de Portugal e irá para a Guiana Francesa. Maranhão e Pará venceram a disputa para puxar esse cabo por 300 km sob o mar, um investimento de R\$ 700 milhões. Isso tornará o estado competitivo para data centers e internet de alta qualidade para o Porto do Itaqui, que gera 150 mil empregos. Criamos uma faculdade de inteligência social e estamos focados na Margem Equatorial, o novo pré-sal. Das cinco bacias, duas (Pará-Maranhão e Barreirinhas) estão no nosso estado, com potencial de 30 bilhões de barris cada. Estou preparando o estado com cursos de petróleo e gás na Universidade Federal, com apoio do senador Camilo Santana (PT-CE), para garantir que os empregos fiquem com os maranhenses.

O senhor apoia o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas o PT lançou o vice-governador Felipe Camarão como candidato próprio, enquanto o senhor apoia seu sobrinho, Orleans Brandão (MDB). O que houve?

É natural que o presidente Lula declare apoio ao candidato do PT, mas somos super aliados administrativa e politicamente. Nosso palanque e material gráfico pedem votos para Lula. O candidato do PT tem cerca de 3% das intenções de voto. A disputa está polarizada entre o atual prefeito, Eduardo Braide, e o Orleans Brandão. Tenho 70% de aprovação e apoio de 200 dos 217 prefeitos. Sou chamado de “governador das obras impossíveis” por realizar projetos sociais e de infraestrutura que eram considerados inviáveis. O povo deseja continuidade. Orleans foi meu secretário e é um fenômeno político que me ajudou em todas essas entregas.

***Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi**